

---

## [A semente do desespero: comunidades perdem terra e fontes de água devido ao agronegócio da OLAM no Gabão](#)

“Com esses contratos nos quais supostamente todos ganham, eu gostaria de saber o que ganham as nossas comunidades. Pelo contrário, nós saímos perdendo e estamos morrendo em fogo lento”. Com esse grito de desespero, Célestine Ndong (1) descreve a situação amarga vivida em Mouilla, no Gabão, onde o programa GRAINE [semente, em francês] se desenvolve há alguns anos.

Esse programa, cujo nome, GRAINE, é a sigla em francês para “Iniciativa gabonesa para realizações agrícolas com cidadãos comprometidos” (*Gabonaise des Réalisations Agricoles et des Initiatives des Nationaux Engagés*), começou em dezembro de 2014. É uma parceria público-privada (PPP) da qual participa a multinacional do agronegócio OLAM e cujos objetivos são reduzir a pobreza e gerar emprego, obter segurança alimentar e apoiar o desenvolvimento e a diversificação econômica da república gabonesa (2).

Lançado com o apoio financeiro da FAO (3), o programa **é implementado em 200 mil hectares de terras ocupadas por comunidades** (4). Desses 200 mil hectares, o programa afirma que 120 mil irão para pequenos agricultores e 80 mil para o agronegócio.

A empresa para o desenvolvimento agrícola e rural (SOTRADER, na sigla em francês) é uma ferramenta fundamental da OLAM Gabão como parceira técnica. O Estado do Gabão tem 51% e a OLAM International, 49% da propriedade da *joint venture*, que é a “espinha dorsal” do programa.

A falta de uma distinção clara entre essas entidades faz com que as comunidades e os cidadãos do Gabão tenham dificuldades para distingui-las entre si. Para muitos, a GRAINE é apenas a justificativa para a OLAM Gabão continuar controlando o país como faz desde 2010 (5). Essa estratégia não se concentra apenas no dendê (palma), mas também na borracha, na madeira e em outros recursos.

A página no site da OLAM reservada à GRAINE (6) fala dessa **iniciativa que celebra o agronegócio em um país que luta para sair da importação de alimentos básicos para sua população**. Essa importação custa ao país cerca de 300 mil milhões francos CFA por ano, cerca de US 514 milhões de dólares (7).

Na quarta-feira, 8 de fevereiro de 2017, com um grupo de camponeses e camponesas e de organizações da sociedade civil gabonesas e internacionais, fomos até o eixo Mouilla-Fougamou para conhecer o resultado das promessas da OLAM e seus aliados.

**Rios enterrados junto com suas populações de peixes, empregos inexistentes, aumento da precariedade, concentração de terras, águas poluídas, abandono das aldeias por jovens: essa é a realidade diária da população.**

“Estamos aqui nesta plantação de dendê da OLAM, em um aterro onde havia um rio que tinha peixe

---

e todo tipo de produtos pesqueiros para o nosso consumo. Mas como vocês podem ver, esse rio já não existe, a OLAM destruiu”, diz com amargura uma senhora de mais de 60 anos, que se mantém de pé com dificuldade.

Mboukou, que está localizada a cerca de 32 km de Mouilla, paga um preço alto pela intenção da OLAM de fazer no Gabão **“a maior plantação de dendê da África”** ??(8), quando a prioridade do país é alcançar a autossuficiência alimentar.

Portanto, comprova-se claramente que a agricultura industrial e voltada à exportação é o que mais importa para o programa GRAINE, uma vez que, nas áreas de concessão do Estado, só se concentram esforços de produção nas que são adequadas para o cultivo do dendê. A propósito, as plantações de dendê já atingiram 42 mil hectares, enquanto os cultivos de produtos alimentícios (banana, mandioca, tomate, pimentão) cobrem apenas 8 mil hectares, por exemplo, na zona de Ndendé.

Junto à concentração de terras e à destruição de rios, **também constatamos a inexistência dos empregos prometidos para os jovens nas aldeias**. A visita às plantações nos permitiu ver que a mão de obra vinha da Ásia, e mesmo as tarefas mais comuns nas plantações de dendê eram feitas por estrangeiros. Assim, a mão de obra local se torna escassa e parece estar em vias de extinção.

Em Yamba, outra aldeia onde a OLAM tem plantações, a situação é igualmente desoladora. As plantações da Olam estão “diante das portas das casas”, quando a legislação do país exige respeitar uma distância regulamentar. **“A administração e os operadores florestais tinham proposto uma zona tampão de cinco quilômetros, que as populações já consideravam insuficientes; hoje, como vocês podem ver, as plantações estão a menos de dois quilômetros de nossas cabanas”**, diz, indignado, um produtor de Saint-Martin, outra aldeia igualmente afetada.

No entanto, o programa GRAINE continua afirmando que o programa é único em seu tipo e visa o desenvolvimento local e a diversificação da economia do Gabão. Enquanto isso, atores relacionados ao programa, como a OLAM, têm exportado óleo de dendê para Espanha, Camarões e Nigéria.

“Claramente, esse programa é uma armadilha para nos fazer perder a nossa terra por meio de contratos difíceis de entender e de obter cópias”, repete, irritado, um membro de uma cooperativa paga mensalmente pelo programa GRAINE.

E continua dizendo: “Em suas explicações, os técnicos da SOTRADER nos fazem ver o risco que corremos se não conseguirmos uma produção que permita reembolsar o pré-financiamento dado pela OLAM e a SOTRADER, ou seja, sementes, fertilizantes, máquinas e salários de 100 mil francos CFA”.

Enquanto tem concedido alguns títulos de propriedade (9) que muitos questionam devido à falta de diálogo e consulta às populações (e que, na verdade, são decretos assinados por ele), o presidente da república, de mãos dadas com a OLAM, afirma estar levando a cabo o desenvolvimento do Gabão. No entanto, essa nova era em que os agricultores se tornam empregados de cooperativas fomentadas e criadas pelo programa GRAINE pressagia numerosos problemas para conseguir que a alimentação dos gaboneses dependa de seus próprios agricultores.

*RADD Camarões; SEFE Camarões; YETHIO Costa do Marfim; SYNAPARCAM Camarões; GRAIN et WRM*

---

(1) O nome foi mudado por razões de segurança.

(2) Relatório do Fórum GRAINE, de 5 a 7 de novembro de 2015.

(3)

<https://www.oxfordbusinessgroup.com/news/progression-des-plans-gabonais-en-mati%C3%A8re-d%E2%80%99agriculture>.

(4) <https://www.farmlandgrab.org/post/view/25462>.

(5)

[http://49tmko49h46b4e0czy3rlqaye1b.wpengine.netdna-cdn.com/wp-content/uploads/2011/12/nov152010-gabon\\_palm-ppt.pdf](http://49tmko49h46b4e0czy3rlqaye1b.wpengine.netdna-cdn.com/wp-content/uploads/2011/12/nov152010-gabon_palm-ppt.pdf).

(6) <http://olamgroup.com/products-services/food-staples-packaged-foods/palm/upstream/graine/>.

(7) <http://gaboneco.com/projet-graine-ces-plantations-de-l-espoir.html>.

(8) Entrevista a Gagan GUPTA, em African Business N° 40, agosto-setembro de 2015.

(9)

<http://gabonreview.com/blog/des-agreements-des-titres-fonciers-et-des-graines-prometteuses-dans-la-ngounie/>.